



Batalhão Angola — Preparação e Embarque¹

Racine Bezerra Lima Filho, Manoel Lopes de Lima Neto e Francisco Augusto Pereira Neto*

Neste artigo, oficiais da 3ª, 1ª e 4ª Seções do Estado-Maior da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada registram suas experiências em relação ao preparo e ao embarque do primeiro contingente brasileiro enviado a Angola. Reúnem ensinamentos "úteis para todos aqueles que vierem a se envolver em missões desse tipo, direta ou indiretamente, de maneira eventual ou em caráter permanente, seja qual for o escalão considerado".

Em meados de 1994, a 10ª Brigada de Infantaria Motorizada (10ª Bda Inf Mtz) recebeu a missão de preparar o 72º Batalhão de Infantaria Motorizado (72º BIMtz) para o emprego em uma missão de paz. Àquela época, outros batalhões também iniciaram idêntica preparação, visando à seleção de apenas um para o emprego provável no Continente Africano ou no Haiti.

Naquele mesmo ano, após uma concentração de cerca de um mês no Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcanti

(CIMNC), o batalhão constituído com base no 72º BIMtz foi avaliado pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) e escolhido dentre os demais para aquela missão internacional.

Entre fevereiro e outubro de 1995, a 10ª Bda Inf Mtz viveu, paralelamente com suas demais atividades, o período do preparo do batalhão, agora já com a missão definida para Angola. Foram realizadas duas concentrações: uma em Petrolina, sede do 72º BIMtz, em fevereiro de 1995, e outra no CIMNC, em agosto do mesmo

* Tenente-Coronel de Infantaria e Estado-Maior, Major de Artilharia e Estado-Maior e Major de In-

fantaria e Estado-Maior, respectivamente.

1. Selecionado pelo PADECEME.

ano, seguindo-se o embarque em Recife.

É sobre esse período que os então, respectivamente, E1, E3 e E4 da Brigada, se propõem a apresentar uma análise sucinta, através da ótica de quem viveu a experiência na ponta da linha, com o único objetivo de servir de subsídio a futuras missões desse tipo.

Ao longo das fases que se sucederam, abrangendo as concentrações e os meses que preencheram o intervalo entre as mesmas, serão abordados: a instrução e o adestramento; as atividades de pessoal afetas à 1ª seção; e as atividades afetas à 4ª seção.

FASEAMENTO

A primeira fase teve início em agosto de 1994 e encerrou-se no final de dezembro do mesmo ano. Caracterizou-se pela seleção dos integrantes do Batalhão, sua primeira concentração, bem como a execução de um programa intensivo de instrução individual e de adestramento.

A segunda fase desenvolveu-se de janeiro a março de 1995. A tropa foi novamente reunida, visando a intensificar sua preparação, ao mesmo tempo em que tiveram início as primeiras medidas administrativas com vista ao embarque da Força.

As expectativas de embarque da tropa no final de março não se confirmaram. A demora na liberação dos recursos necessários para o aprestamento e deslocamento do Batalhão, associada às dificuldades de implementação de um acordo de paz entre as facções litigantes em Angola, acarretaram sensível diminuição no ritmo dos trabalhos, os quais ficaram reduzidos à realização de alguns estágios de instrução e promoção de substituições de pessoal, situação essa que

perdurou até o final de julho, constituindo a terceira fase.

A definição das datas de liberação dos recursos e a vontade política dos dois partidos atores no cumprimento dos acordos de paz em Angola, a partir do começo de agosto de 1995, acarretaram a entrada em uma nova fase de trabalhos. Concentrar o Batalhão, reciclar sua instrução individual e seu adestramento, providenciar a documentação individual do pessoal e agilizar o carregamento do material foram as tarefas que caracterizaram esse período, concluído em 24 de outubro de 1995, com o embarque da última subunidade do Batalhão Angola. Essa foi a fase que encerra o período focalizado por este trabalho.

Após o embarque do último escalão do Batalhão, verificou-se a participação da 10ª Bda Inf Mtz nas medidas de apoio aos familiares de militares integrantes da Força de Paz (F Paz), nos quatro repatriamentos havidos, na recepção e sepultamento de dois soldados e no acolhimento da tropa por ocasião de seu regresso, a partir da segunda quinzena de fevereiro de 1996, assim como na transmissão, à 4ª Brigada de Infantaria Motorizada (4ª Bda Inf Mtz), grande unidade (GU) responsável pela preparação do novo contingente enviado ao Continente Africano, em substituição ao antigo, dos ensinamentos colhidos ao longo de 13 meses de trabalho.

O intervalo de 13 meses entre a constituição inicial do Batalhão e o embarque do seu primeiro escalão — por circunstâncias alheias à esfera do Ministério do Exército e até mesmo do governo federal — sobrelevou as dificuldades da Brigada na preparação da F Paz, pois contribuiu para gerar incertezas no pessoal acerca da confirmação da missão, levando vários militares a solicitar exclusão do Batalhão, ao mesmo tempo em que

acarretou o esmaecimento dos reflexos e ensinamentos obtidos durante as duas concentrações iniciais, o que obrigou a GU a prever um novo período de adestramento para a tropa em sua reunião final no CIMNC.

A INSTRUÇÃO E O ADESTRAMENTO

Para a concentração a ser realizada em fevereiro de 1995, foram previstas duas sub-fases, sendo a primeira dedicada à instrução e a segunda a um exercício de adestramento. Foram ministradas instruções importantes, particularmente com as intervenções de elementos de Inteligência, Comunicação Social e da Cruz Vermelha Internacional. Quanto às instruções de tiro com armamento até então desconhecido, ficaram prejudicadas pela ausência de componentes fundamentais, como o simulador para os mísseis AT-4, por exemplo.

Sabia-se que, na primeira concentração no CIMNC, havia sido detectada a necessidade de reduzir a agressividade da tropa, vez que se tratava de uma missão de manutenção de paz — *peace keeping* —, distinta da missão de estabelecimento da paz — *peace making*. Não havia necessidade de camuflagem individual para lidar com a população. Era sentida, porém, a ausência de Normas de Engajamento — *Rules of Engagement* — traduzidas para o Português. Caso fossem fornecidas à Brigada, certamente orientariam melhor a montagem e a condução do exercício de adestramento e a instrução.

Este foi, portanto, o saldo dessa concentração em Petrolina: a constatação da necessidade de contar com as normas de engaja-

mento em Português, o quanto antes, mesmo que de outras missões anteriores à de Angola; a necessidade de realizar o tiro com armamento novo para a tropa; a necessidade, ainda, de reduzir a agressividade da tropa e o aspecto policial-repressivo no comportamento, grande dificuldade em função dos hábitos adquiridos nas instruções de segurança interna; e adequado trabalho de estado-maior evidenciado pelo Batalhão, em face das situações apresentadas durante o exercício.

Terminada essa segunda concentração, foi esperado ansiosamente o embarque imediato, o que não ocorreu. Surgiram então os inevitáveis boatos e algumas desistências. Essa foi a pior fase, pois: a Brigada continuava sendo solicitada nas outras frentes de suas atribuições normais; o próprio 72^a BIMtz era instado a cumprir seu programa de Organização Militar (OM) de Pronto Emprego pelo COTER; e as iniciativas da Brigada no sentido de realizar palestras através de oficiais com experiência em Angola e preencher as lacunas na instrução individual eram prejudicadas pela dispersão dos integrantes do Batalhão da F Paz (B F Paz) por mais de vinte OM e três Regiões Militares. Enquanto isso, o comandante do Batalhão recebia pressões em todos os planos e de todas as direções, e os homens viam-se às voltas com a incerteza que minava seus projetos individuais e familiares.

Foram então envidados esforços no sentido de fazer frente aos obstáculos que se apresentavam, constituindo-se uma biblioteca do B F Paz na 3^a Seção da Brigada, recuperando-se os *déficits* na instrução e buscando-se manter elevado o moral da tropa, através de informações tanto precisas quanto possível.

Nesse intervalo, foi realizado, em Petrolina, um estágio por uma comitiva de mili-

tares ingleses especializados em operações de manutenção da paz. Esse estágio foi um ponto de corte no preparo do batalhão. Os ingleses trouxeram idéias atualizadas acerca de procedimentos simples de pequenas frações, até então ignorados. Dessas podem ser destacadas as relativas aos cuidados com minas — principal problema em uma região que acaba de sair de uma guerra civil —, aos procedimentos em Pontos de Bloqueio e Controle de Estradas (PBCE), nos quais só pode ser apreendido material com mandado da ONU, e as missões de patrulhas motorizadas (Patr Mtz), onde cresce de importância a habilidade para negociar, mesmo nos pequenos escalões.

A distribuição das cartilhas de instrução utilizadas pelos ingleses, ou outras similares, a uma GU encarregada de preparar uma Força de Paz em muito facilitaria e direcionaria o seu trabalho.

Lamentavelmente, as notícias sobre o apoio logístico a ser prestado por um Batalhão Logístico (B Log) inglês tornaram-se inócuas, pois o embarque, previsto para março, só veio a ocorrer em setembro, quando tal B Log já havia sido substituído.

Em julho de 1995, a perspectiva do embarque voltou a ganhar força. Foi decidida a realização de mais uma concentração no CIMNC a ser desenvolvida com uma fase de instrução, para retomar os índices anteriormente atingidos e outra com mais um exercício de adestramento, agora com a dotação de material prevista para o embarque.

Dessa última concentração podem ser destacados os seguintes aspectos:

- foram realizados os tiros com todo o armamento a ser conduzido para a missão, inclusive com a obtenção da alça de combate por todos os militares dotados de FAL — fuzis novos;

- foram atingidos os níveis desejados, no tocante às atitudes a serem corrigidas, em função dos ensinamentos colhidos com os oficiais ingleses;

- o, agora, Batalhão Angola adquiriu espírito-de-corpo, fruto de um período de concentração com a Unidade definitivamente constituída através de uma situação hipotética

que simulava sua chegada a Angola, com um conseqüente período de instrução e adestramento de frações;

- foi estabelecido o contato com o material de comunicações a ser utilizado em Angola;

- foi estabelecido um circuito, pelo qual passaram todas as frações,

explorando todas as atividades possíveis de serem desempenhadas na missão de manutenção da paz, o que, juntamente com a perspectiva real do embarque, elevou o moral da tropa;

- foi montada, por uma OM da Brigada, uma Base de Companhia de Fuzileiros (Cia Fzo) tipo ONU, o que permitiu, a todos, a perfeita noção das dimensões dessa instalação no terreno;

- como havia ocorrido com as concentrações anteriores, todas as OM da Brigada foram envolvidas, sem prejuízo de suas atividades normais.

Terminada essa concentração, as subunidades do Batalhão foram distribuídas por OM da Brigada sediadas em Recife, onde

“Lamentavelmente, as notícias sobre o apoio logístico a ser prestado por um Batalhão Logístico (B Lgo) inglês tornaram-se inócuas, pois o embarque, previsto para março, só veio a ocorrer em setembro, quando tal B Log já havia sido substituído.”

cumpriram um programa de manutenção de padrões, até o embarque do primeiro escalão, em 19 de setembro.

Precedendo o embarque, foi conduzida, pela Brigada, uma formatura no porto do Recife, com a presença do Presidente da República em exercício e dos oficiais gerais do Alto Comando do Exército. A montagem e condução dessa formatura em área sujeita à fiscalização da Marinha exigiu estreita coordenação da Brigada com a Capitania dos Portos.

Nessas atividades finais, chamou a atenção da Brigada, escalão executante, o excessivo número de ordens, contra-ordens e informações, nem sempre recebidas pelo canal de comando, o que era natural pela exiguidade dos prazos. Talvez a definição de tarefas pelos diversos órgãos que integram o Sistema Exército, em situações como essa, viesse a minorar tal dificuldade.

No final de 1995, compareceu à 10ª Bda Inf Mtz uma equipe da GU enquadrante da OM destinada a substituir o Batalhão Angola. A essa equipe foram repassadas todas as informações disponíveis, inclusive com a documentação de todos os exercícios gravada em discos flexíveis.

No momento, sabe-se que está prevista a implantação de um Centro de Treinamento para Forças de Paz. Ainda estão vivos os arquivos da 10ª Bda Inf Mtz e da 4ª Bda Inf Mtz, os quais serão enriquecidos com o retorno dos seus batalhões. Como é sabido que é grande a probabilidade de o Brasil continuar a enviar contingentes para essas missões e que, para isso, haverá certamente um sistema de rodízio, a destinação de um local ou órgão para constituir um arquivo atualizado dessas atividades, até que se concretize a implantação de Centro de Treinamento, iria assegurar a preservação da

memória, no que toca à instrução e ao adestramento.

ATIVIDADES AFETAS À 1ª SEÇÃO

O Comando Militar do Nordeste (CMNE) recebeu, por meio da Portaria Ministerial Nr 001-Res, de 04 de janeiro de 1995, que confirmava diretrizes anteriores, o encargo de mobiliar os efetivos do Estado-Maior, da Companhia de Comando e Apoio e de três Companhias de Fuzileiros, totalizando 503 homens. Uma quarta Cia Fzo e mais uma Companhia de Serviços, que completavam a estrutura do Batalhão, ficaram a cargo da Marinha do Brasil e do Comando Militar do Leste (CML), respectivamente.

As vagas acima previstas foram inicialmente preenchidas pelo 72º BIMtz que forneceu 319 militares para a F Paz. As demais Organizações Militares Diretamente Subordinadas (OMDS) à 10ª Bda Inf Mtz completaram mais 85 claros. Dos 99 claros restantes, 02 foram ocupados por efetivos de outros Comandos Militares de Área e os outros 97 o foram por 29 OM espalhadas pela área do CMNE.

Fornecer os recursos humanos necessários à F Paz foi, então, o objetivo do trabalho da 1ª Seção da Brigada (1ª Seção Bda). Para isso, e ao longo das fases já citadas, a mesma teve de realizar ações como: adaptar sua estrutura; selecionar e reunir pessoal; acionar as OM que possuíam militares no Batalhão; e encaminhar documentos e informações aos escalões competentes, conforme será mostrado a seguir.

O trato de todos assuntos relacionados ao BF Paz foi confiado ao chefe da Seção,

auxiliado por um sargento, assim como foi aberto um arquivo específico para essa nova carteira, vigorando tal estrutura durante as três primeiras fases de preparação do contingente.

O aumento do volume de trabalho durante a 4ª fase determinou uma nova modificação na 1ª Seção, com a criação de três novas carteiras: controle de efetivos; saúde e direitos do pessoal. A referida organização revelou-se adequada e manteve-se até o final da missão com o regresso da tropa, sendo que a Seção não recebeu nenhum reforço pessoal para desempenhar suas tarefas, valendo-se, apenas, dos quadros já existentes.

A seleção de pessoal obedeceu os requisitos estabelecidos pelo Estado-Maior do Exército (EME): ser voluntário; estar no comportamento "Bom", no mínimo, para praças; não possuir nenhum problema social ou familiar; e, preferencialmente, ser de carreira (oficial e sargento).

Após o levantamento dos voluntários existentes no âmbito da Brigada, houve a seleção propriamente dita com base nos critérios acima citados. Como a procura foi, inicialmente, menor que o número de vagas, tornou-se necessário utilizar militares — oficiais e sargentos na maioria — de fora da GU.

Durante a 2ª fase, houve um incremento na quantidade de interessados em compor a F Paz, o que levou a 1ª Seção/Bda a montar um banco de dados de voluntários, sendo essa providência de muita utilidade quando diversas substituições tiveram de ser efetuadas nas 3ª e 4ª fases.

As trocas de pessoal foram motivadas por quatro grupos de causas: oito alterações no Quadro de Efetivos do Batalhão (QDE/Btl) ao longo das quatro fases; desistências (principalmente na 3ª fase); incapacidade

física (menos de 3% do efetivo); e disciplinares (dois casos, o último a três semanas do embarque).

As convocações do pessoal foram feitas mediante expediente às respectivas OM. Os convocados deslocaram-se pelos próprios meios, recebendo, posteriormente, uma diária e a indenização do gasto com passagem. Para a última reunião no CIMNC, os efetivos do 72º BIMtz deslocaram-se em ônibus contratados.

As OM também foram acionadas no sentido de encaminhar seus militares às Organizações Militares de Saúde (OMS), com vistas à realização de exames, tais como: hemograma, MIF, EAS, VDRL, H3SAG, ELISA, e imunologia para a doença de Chagas. Outra providência, na área de saúde, a cargo das OM foi dar seqüência à vacinação contra difteria-tétano, antiamarílica, contra hepatite B, antitífóidica e BCG, iniciada na primeira concentração do Batalhão.

Finalmente, as OM foram orientadas a organizar pastas individuais para seus militares contendo, dentre outros, os seguintes documentos: certificados de vacinação; cópias de contracheques; título de eleitor; CPF; declaração de voluntariado; fotografias; e dados bancários, inclusive de pensionistas judiciais.

O trâmite da documentação e informações sobre pessoal nas 1ª, 2ª e 3ª fases resumiu-se a encaminhar à 7ª Região Militar dados de militares que ingressaram no B F Paz por motivo de substituição ou criação de vaga.

Com o advento da 4ª fase, o fluxo de documentos e informações experimentou significativo aumento. A documentação organizada pelas OM teve de ser recolhida, conferida e endereçada, em prazos curtos, ao CML e ao Gabinete do Ministro (Gab

Min), para a emissão de passaportes e cadastramento no sistema de pagamento de pessoal em missão no exterior, respectivamente.

Após o embarque do contingente, o trabalho ficou reduzido à tramitação de expedientes acerca de prorrogação de tempo de serviço militar. Ao mesmo tempo, houve a necessidade de intensificação de contatos com o Gab Min, buscando resolver problemas decorrentes de retardo no recebimento (por parte de familiares dos militares) de importâncias que lhes foram consignadas, sendo que as referidas dificuldades apenas ocorreram nos meses de outubro e novembro de 1995.

A organização de um arquivo específico e a estruturação de novos setores para conduzir assuntos relacionados a pessoal permitiram, à 10ª Bda Inf Mtz, dispor de informações com oportunidade de formar uma memória que instrumentalizará quem estiver encarregado dessa área no futuro.

Por outro lado, a montagem de um banco de dados, contendo uma reserva de elementos aptos a integrar a F Paz, conferiu agilidade às permutas de pessoal.

O resultado de tudo isso foi que o Batalhão embarcou para Angola com os efetivos completos e em perfeito estado de higidez, com a documentação individual emitida, as ajudas-de-custo pagas e o cadastro para remuneração no exterior concluído, colimando-se assim o objetivo de fornecer recursos humanos para a Força de Paz.

ATIVIDADES AFETAS À 4ª SEÇÃO

Na área da 4ª Seção, o embarque do Batalhão para Angola, realizado em três

escalões, foi precedido por duas etapas distintas: as atividades voltadas para o adestramento e as atividades voltadas para o embarque.

Para cada um dos exercícios de adestramento realizados, foram executadas concentrações de material diferenciadas.

Para a reunião do material destinado à primeira concentração, a 7ª Região Militar / 7ª Divisão de Exército (7ª RM/7ª DE) nomeou uma comissão composta por um presidente (Oficial do 14º Batalhão Logístico — 14º B Log) e elementos auxiliares das diversas gestões. Essa comissão funcionou de um período pré-exercício a um período pós-exercício.

Os principais óbices verificados foram: a precariedade do estado de alguns materiais, especialmente os de acampamento, e as alterações do material que, por ocasião de sua devolução às OM de origem, não conferiam com as existentes por ocasião da entrega, gerando ônus administrativo (sindicâncias, descargas etc.) para os envolvidos.

Dentre os principais ensinamentos obtidos, podem ser destacados: a realização de concentração em uma área que propicie condições favoráveis de acantonamento, como foi o caso do CIMNC, atenua, em parte, as deficiências oriundas do mau estado do material de acampamento; a possibilidade de facultar, à comissão de material, proceder à apuração imediata, bem como as medidas administrativas cabíveis, decorrentes de avaria de material, permitiu soluções mais ágeis e precisas no tocante aos danos produzidos nos diversos equipamentos; e a elaboração de quadro, contendo a data/hora da entrega e da devolução de material — por OM — no local de concentração, disciplinou e reduziu o acúmulo de pessoal e viaturas em locais críticos.

Para a segunda concentração, realizada em fevereiro de 1995, em Petrolina, foi reunido apenas o material para o adestramento. A 7ª RM/7ª DE complementou as necessidades que não puderam ser supridas pela 10ª Bda Inf Mtz. Foi organizado um comboio, com cerca de quarenta viaturas, que se deslocou de Recife para Petrolina, transportando o mínimo de material necessário à consecução do Exercício.

Os principais óbices foram: a precariedade do estado de alguns materiais, especialmente os de acampamento; a inoperância do sistema de comunicações durante o exercício (os melhores equipamentos haviam sido recolhidos para manutenção), visando a dotar a Força de Paz; e os riscos pertinentes a um deslocamento de 1.600km (ida e volta) com viaturas, nem sempre nas melhores condições.

Dentre os principais ensinamentos obtidos, destacam-se os seguintes: é de grande importância para o sucesso da missão a confiabilidade e o bom desempenho dos equipamentos de comunicações (principalmente, do material rádio); as medidas de segurança, coordenação e controle são primordiais para os deslocamentos de comboios, especialmente a longas distâncias; e, em regiões quentes, marcadas pela escassez de recursos hídricos, há que se ter cuidados especiais com o suprimento e ressurgimento de água.

Para a terceira concentração, realizada em agosto/setembro de 1995, no CIMNC, foi reunido o material para o adestramento e para o embarque. A 7ª RM/7ª DE complementou as necessidades que não puderam ser supridas pela Brigada, elaborou um quadro data/hora para entrega e devolução do material e nomeou uma comissão presidida por um oficial do 14º B Log e composta por elementos auxiliares das diversas gestões.

Participaram, também, da referida comissão oficiais e graduados do 72º B I Mtz, haja visto a maior parte de o material ser pertencente àquela OM. Esses militares conduziram, após o adestramento, o referido material de volta à Petrolina.

Os principais óbices foram: o curto espaço de tempo compreendido entre a comunicação de que o Batalhão realmente seria enviado para Angola, o último adestramento e o preparo do material que foi embarcado, e o estado precário de alguns materiais que foram encaminhados para o embarque, função da conjuntura atual.

Dentre os principais ensinamentos obtidos, destacam-se os seguintes: a necessidade de locais distintos, na área da concentração, para o acondicionamento do material destinado ao embarque e para a redistribuição do material a ser utilizado no adestramento; a necessidade do rigoroso controle por parte da comissão recebedora do material, bem como de sua documentação (guias de remessa, de recolhimento, cautelas etc.); e a necessidade de uma perfeita interação Bda-RM/DE a fim de minimizar os desgastes impostos pela exiguidade dos prazos.

Após o término do terceiro exercício de adestramento, realizado no CIMNC, as diversas subunidades do Batalhão Angola foram alojados em Recife, pelas mesmas OM que as haviam apoiado naquele apronto final. Dessa forma, foi equacionada a concentração do pessoal imediatamente anterior ao embarque, posto que, quando da reunião para o último adestramento, os integrantes do Batalhão Angola já conduziam todo o seu material individual.

Quanto ao material para o embarque, o trabalho foi desenvolvido pela 7ª RM/7ª DE. As principais tarefas podem ser sintetizadas

na definição do Quadro de Distribuição de Material do Batalhão Angola; a aquisição de material; na colocação do material em *containers* (ovação); nos contatos com a Marinha e a Capitania dos Portos de Recife; e na definição das datas relativas ao embarque.

Os principais óbices verificados foram: a demora nas definições (número de escalões, previsão de datas para o carregamento e para o suspender); as modificações de última hora introduzidas no QDM; o retardo na liberação de recursos para a aquisição de material no comércio local; a mudança de local para aquisição de determinados materiais (inicialmente, seriam adquiridos no RJ); a ordem, recebida já próximo ao carregamento, para transportar uma ponte Bailey; a falta de um relacionamento mais estrito e permanente do Exército com a Marinha, no tocante à operacionalização de procedimentos em atividades conjuntas.

Dentre os principais aspectos observados destacam-se: a necessidade de definições mais oportunas no que diz respeito às datas, à liberação de recursos e aos locais de aquisição de materiais; o trabalho diligente e metucioso do 7º Depósito de Suprimento (7º D Sup), possibilitando o sucesso nas tarefas de aquisição do material, na ovação, no transporte e no seu carregamento; a confecção do plano de carregamento e embarque, na prática, posterior à execução do mesmo;² a importância de se estreitar os

relacionamentos com as demais Forças; a necessidade de, em operações dessa natureza, contar-se com um porto que possua infraestrutura para auxílio no carregamento (guindastes, pranchas, empilhadeiras, etc); o apoio irrestrito das OM da área, contribuindo para o êxito do trabalho, e a integração em todos os níveis (OM — Bda — RM/DE), muitas vezes informal, aspecto fundamental para o sucesso nas atividades logísticas.

CONCLUSÃO

A tarefa atribuída à 10ª Bda Inf Mtz constituiu um desafio para todos os seus integrantes. Sua consecução, em meio às atividades normais e enfrentando os óbices inerentes à conjuntura, enche de orgulho a todos os que contribuíram com sua parcela de esforço.

A sistematização do preparo de tropas para missões similares no futuro requer a concentração de esforços em um centro de preparação específico.

Há que ser documentado, em uma Organização desse tipo, todas as experiências anteriores, seja no tocante ao preparo ou no que concerne às ricas experiências trazidas pelos integrantes dos Batalhões Angola e pelos militares brasileiros que participaram de outras missões de paz.

Em tais centros, os Estados-Maiores de GU encarregadas do preparo de OM para integrar Forças de Paz poderiam estagiar ou colher subsídios para os seus planejamentos.

De igual forma, não se podem olvidar as experiências adquiridas no tocante à logística voltada para o preparo, em particular as atividades de suprimento, de pessoal e de transporte.

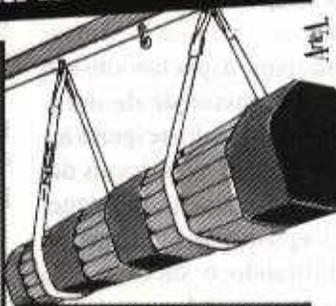
2. Foi montada, pelo 7º D Sup, em suas instalações, uma linha de containers, numerados por subunidade. Em um galpão, frontal a essa linha, os materiais foram loteados por companhia, conforme previsto em QDM. Encaminhado ao *container*, o material foi relacionado e pesado. Completado o peso máximo (6.500kg), o container recebeu o lacre. A preocupação não se restringiu ao peso mas, também, ao volume e tipo do material que foi "ovado", a fim de evitar-se quebras. Assim, após o carregamento é que se teve o plano pronto.

A estatura do Brasil no concerto das nações, suas expectativas em relação à ONU e as gloriosas tradições do Exército Brasileiro justificam qualquer esforço no sentido de proporcionar o melhor nível possível às tropas destinadas a missões externas.

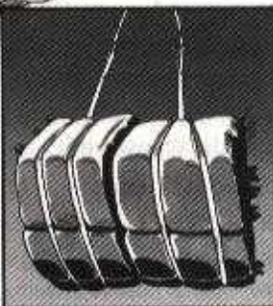
Esse foi o farol que iluminou o Es-

tado-Maior da 10ª Bda Inf Mtz nos trabalhos de preparação do primeiro contingente enviado a Angola. Certamente continuará a guiar todos aqueles que vierem a se envolver em missões desse tipo, direta ou indiretamente, de maneira eventual ou em caráter permanente, seja qual for o escalão considerado. □

A SOLUÇÃO PARA QUEM PEGA NO PESADO "CORREIAS HUZI"



As correias Huzi oferecem resistência, durabilidade e segurança no transporte e movimentação de carga que são feitas com a mais alta tecnologia. Em nylon ou poliéster, com formato antideslizante, mantêm a carga sempre firme e segura. Huzi Sling e Huzi Estropo. A solução definitiva para quem pega no pesado.



HUZIMET AÇOS ESPECIAIS LTDA.

Rua Álvaro Gomes, 127 - Alto do Mandaqui - CEP 02421 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 298-7022 PABX - Telex - 11 - 21016 - HUZI BR